

O uso e abuso da Bíblia na Poimênica

Richard H. Wangen

Há alguns anos, estive com um amigo em São Paulo e ele, ao encontrar um outro colega, apresentou-me a este, em atitude de gozação, como amigo-professor dos feiticeiros em São Leopoldo. No momento, fiquei aborrecido e me senti um pouco humilhado. Não creio que pessoa alguma se ache ou se queira achar um feiticeiro. Todavia, no fundo, no fundo, aquela brincadeira não deixa de ter um pouco de verdade dentro de si. Às vezes, querendo ou não, agimos como feiticeiros. Para compreender esta possibilidade, vale a pena ater-nos a algumas definições esclarecedoras. O novo dicionário de Aurélio define "fetiche" como "objeto animado ou inanimado, feito pelo homem ou produzido pela natureza, ao qual se atribui poder sobrenatural e se presta culto, – ídolo".

Parece lúdrico, ridículo e até desrespeitoso alegar que a Bíblia poderia ser utilizada como fetiche, porém o contexto em que um objeto se encontra inserido, condiciona o seu uso. Nunca me esqueço de uma história contada por um missionário da Nova Guiné, no tempo da minha infância. "... ao encontrar uma nova tribo, foi descoberta num relicário de culto dos indígenas, uma luneta. A luneta havia adquirido um poder mágico, mas a sua verdadeira utilidade, a de enxergar longe, fora desvirtuada." Quando algo semelhante acontece com a Bíblia, as conseqüências podem ser trágicas. Por exemplo, um rapaz confuso a respeito da sua sexualidade, em busca de orientação e paz, consultou um pastor. O pastor, apavorado, exortou-o a respeito da auto-disciplina, recitou alguns trechos bíblicos e deu ao rapaz uma Bíblia, dizendo: "Quando você se deitar à noite para dormir, coloque esta Bíblia embaixo do seu travesseiro. Isto vai ajudá-lo a livrar-se desses pensamentos e sonhos sujos e conceder-lhe descanso." O rapaz seguiu fielmente os conselhos do pastor. Poucos dias depois terminou entrando em um manicômio.

Com efeito, como pastores e conhecedores das Sagradas Escrituras, trilhamos um caminho de profunda responsabilidade para com o uso da Bíblia. Ao contrário da opinião de Bonhoeffer, de que o tempo do homem religioso passou, precisamos encarar o contexto religioso aqui no Brasil com bastante seriedade. Levanta-

mos até a pergunta se há possibilidade de a Bíblia ser considerada como um fetiche pelo povo evangélico ou por um outro povo que não a possua. Com isso, não quero deixar transparecer que não devamos mais usar a Bíblia poimenicamente, mas, sim, colocá-la dentro da realidade psico-sociológica em que vivemos.

Dois fatores levam-me a esta consideração. Em primeiro lugar, a influência dos objetos simbólicos em nosso povo é muito forte. Devido ao espírito místico que caracteriza muitas mentes, a mera presença visível de uma Bíblia de capa preta suscita uma certa atitude numinosa, de respeito ao transcendente. Isto se verifica tanto entre os evangélicos como entre os católicos. Se há um espírito de gozação ou deboche quando passa um crente com a Bíblia embaixo do braço, isto não é necessariamente desrespeito por parte do espectador, mas antes uma tentativa de auto-defesa. Pois, no fundo, o espectador sabe que o crente compartilha de um poder sobrenatural. Em segundo lugar, e isso se vê mais entre evangélicos e luteranos, especialmente no que se refere à Bíblia, existe a preocupação pela Palavra falada — são versículos bíblicos recitados como exortação ou ajuda poimênica.

Desde os primórdios, o fetiche mais comum é o uso de *linguagem religiosa*. Para muitos, o conceito da Palavra ou o conceito da fala religiosa é algo ligado com poder. Em geral, esse poder é benéfico, mas se é falado como maldição, também pode ser maléfico. Esta ligação entre palavra e poder traspassa toda a Bíblia. Ouvimos em Gênesis: "Disse Deus: haja luz, e houve luz.", e assim por diante. A palavra representa o poder de transformar. A transmissão de poder pela palavra falada não é peculiar ao cristianismo, mas é uma expressão comum a todas as religiões. Basta visitar um terreiro, um encontro de Seich-no-ye ou uma sessão do rito maçônico, para verificar a importância da palavra falada. Além disso, atribui-se a ela um valor maior ou menor conforme o status da pessoa que fala. Num ambiente religioso, embora a intenção da pessoa falante não seja a de invocar poderes sobrenaturais, a pessoa ouvinte que não entendeu a palavra proferida, só pode aceitá-la como algo benéfico, mesmo não tendo entendido nada. Significa que a palavra se tornou fetiche. A demonstração disso se nota quando um membro que não entendeu nada, diz: " — Hoje o pastor pregou bonito!"

Paradoxalmente, o quinto artigo da Confissão de Augsburgro declara: "Deus instituiu o ministério da pregação, deu-nos o evangelho e os sacramentos, meios pelos quais Ele nos dá o Espírito Santo. Este seu Espírito faz nascer a fé naqueles que ouvem o evangelho, e isto onde e quando lhe aprouver." Não quero ser leviano, mas ousou

dizer que, mesmo onde há a palavra proferida como fetiche, o Espírito Santo pode usá-la para criar fé no coração dos ouvintes. Digo isto não para dar margem ao desleixo ou à preguiça do obreiro, mas sim para assegurar a liberdade total do Espírito Santo.

Todavia o problema não pára aí.

Vocês, como estudantes e pastores, quando ordenados no ministério luterano, são chamados para ser ministros do "Verbum Divinum". Isto significa que receberam essa incumbência como tesouro para ser reta e responsabilmente administrada. Classicamente conceituamos isto em termos de pregação e administração correta dos sacramentos. Gostaria de incluir nesta incumbência o uso responsável da Bíblia na poimênica.

Entim, somos chamados a ser teólogos em residência. Devemos ter a percepção teológica de refletir autenticamente com os membros da comunidade cristã e secular, de provocar a sua emancipação dos demônios e ídolos deste século, para que todos possam buscar o Reino e sua justiça. Entre o perigo de ser chamado de feiticeiro e a responsabilidade de ministro do "Verbum Divinum" (servo da palavra de Deus), creio eu que a Bíblia ainda desempenha uma função importante!

UM CONCEITO DE POIMÊNICA

O uso da Bíblia está condicionado ao nosso conceito de poimênica. Portanto, é muito importante considerar este aspecto, pois as nossas colocações posteriores partirão de um determinado conceito de poimênica. A maioria dos peritos está de acordo que poimênica é práxis do evangelho. Mas não é suficiente dizer isto.

É também necessário perguntar qual a sua função em direção ao homem, e qual a sua função em direção a Deus. Podemos dizer que a proclamação do Evangelho também é poimênica? — Tudo isso importa, pois implica na consideração do uso da Bíblia.

Outra pergunta: Qual é a finalidade da nossa poimênica? É a de emancipar a pessoa, ou a de liberar pessoas atribuladas?

Manfred Josuttis diz em seu livro: "A Prática do Evangelho entre a Política e a Religião": "A transmissão do Evangelho não está condicionada à comunicação verbal, e muito menos ao emprego de determinados vocábulos religiosos e teológicos ... porque para o Novo Testamento a Palavra é sempre ação, e a ação é sempre

Palavra." (1) E Josuttis continua: "tal práxis do evangelho realiza-se em formas múltiplas: na assistência a doentes e sua cura, na defesa do direito, na amenização e superação de problemas sociais, na luta política por liberdade, igualdade e fraternidade entre os homens. Poimênica é aquela forma de práxis evangélica na qual se busca, no diálogo entre dois parceiros ou na dimensão de grupo, ajuda curativa e aconselhadora para a vida."(2)

A prática do Evangelho não prevê produção ou resultados concretos. "Uma vez que Deus falou de modo definitivo, podemos nó ouvir indefinidamente."(3)

Se parássemos aqui, seria possível dizer que o uso da Bíblia – já que a sua palavra é implícita na minha ação – é dispensável. Entretanto, gostaríamos de levar a nossa preocupação adiante.

A poimênica não é somente uma ação minha para com o outro, mas igualmente uma resposta minha ao apelo do outro. Portanto, é muito importante lembrar que eu preciso respeitar as preocupações que moveram o outro a me procurar para pedir auxílio. Seria possível violar a pessoa do outro, se eu não considerasse o fato de que ele veio para mim e não para um psiquiatra, para um psicólogo ou para um médico. Veio para mim como um ministro da palavra divina. E ainda o seguinte: apesar de eu poder prestar a ele muitos tipos de ajuda, talvez esta ajuda venha a prejudicá-lo mais do que outra coisa, se eu desprezar a sua necessidade, a sua preocupação, movida pela fé ou pela falta dela. Por isso, com tudo o que foi dito anteriormente a respeito da minha liberdade de usar ou não a Bíblia, eu deveria saber discernir a necessidade do outro.

Existem métodos poimênicos que exigem o uso da Bíblia em todos os casos. Talvez seja importante fazer um pequeno excursão aqui, para pôr em questão alguns destes métodos.

O assim chamado aconselhamento nutético (exortar, aconselhar) é corrente entre os grupos fundamentalistas, e seu autor chama-se Jay Adams. É um americano que estudou psiquiatria com O. Hobart Mowrer, outro americano. Para o leitor ter uma compreensão da crítica que segue, transcrevemos uma parte da crítica que William E. Hulme, no seu livro *Dinâmica da Santificação*, fez ao mentor de Jay Adams:

(1) Manfred Josuttis. *Prática do Evangelho entre Política e Religião*, pág. 114.

(2) op. cit., pág. 115.

(3) op. cit., pág. 116.

“A culpa, Mowrer afirma, é real. É criada pela consciência, que aparentemente é absoluta. Como, então podemos aplacar esta consciência? Duas respostas enganosas – até mesmo perniciosas – são a “justificação pela fé” dos protestantes, e a “justificação pela introspecção” psiquiátrica. Mowrer propõe o equivalente teológico da “justificação pelas obras”. As obras são confissões – não diretamente a Deus, mas às pessoas – e “boas ações compensadoras”.

O Deus de Mowrer é a projeção da consciência no universo. “Assim como a consciência eventualmente nos condena e se volta (‘ataca’) contra nós por perseguirmos um mau estilo de vida, da mesma forma a consciência eventualmente nos aprovará e recompensar-nos-á por um tipo melhor de conduta”. Qualquer relação pessoal com este Deus é vista com a suspeita de misticismo. “Alguém pode reconstruir a sua vida de modo construtivo e satisfatório, seguindo a orientação constante nos ensinamentos éticos de Cristo: mas a idéia da união ‘mística’ com Cristo tem, eu alego, pouco valor, salvo como um tópico para infundáveis tratados teológicos”. Mowrer prefere referir-se mais aos pecados do que ao pecado, e enfoca a correção de cada pecado pela boa obra apropriada.

...O seu problema, contudo, realmente diz respeito a Cristo, pois que não há nenhum lugar na posição de Mowrer para um Cristo que faça por nós o que não poderíamos fazer por nós mesmos. O homem tem a lei dentro de si mesmo, e quando ele sente-se culpado por não guardar esta lei, tem o potencial para dar satisfação desta culpa. Ao opor-se à “graça barata”, Mowrer caiu do outro lado do cavalo e se opõe à graça. Aquela pessoa que poderia ser, possivelmente tanto determinado como responsável, ele rejeita como tolice.”(4)

O livro “Conselheiro Capaz” escrito por Jay Adams sobre o aconselhamento nutético, possui alguns aspectos recomendáveis e, inclusive, é possível que o método psicológico utilizado venha a ter bastante sucesso. Contudo, precisamente aí é que surge a minha hesitação, pois Adams utilizou-se de um método autoritário que, para muitas pessoas, pode ser um auxílio, resolvendo o problema delas, porém o caso é que ele malbarata o significado da Bíblia, obscurecendo a sua verdadeira mensagem, que é libertadora, por

(4) William E. Hulme. Dinâmica da Santificação, pág. 103.

uma mensagem autoritária que não precisaria ser necessariamente expressa através de versículos bíblicos. Numa experiência dessas, a Bíblia é degradada a um mero instrumento de psicologia, torna-se ferramenta utilitária, desvirtuando a sua validade original como livro de fé, de proclamação da boa nova.

Na opinião de Adams, apenas é qualificado para ser poimênico aquele que teve uma determinada experiência espiritual que permita chamá-lo de "puro". Somente um puro poderia ser poimênico, segundo essas regras. Desta maneira, os seguidores dessa poimênica limitam as possibilidades da Bíblia, usando-a apenas autoritariamente, escondendo a boa nova. De certo sentido é uma manifestação da antiga heresia do segundo século – o Montanismo.

Além destes dois pontos, Adams esquece que aquela ansiedade que causa problemas, não é sempre a ansiedade de culpa que seria provocada pelo pecado, mas é uma ansiedade ôntica causada pela preocupação com a vida e a morte. Com suas regras, Adams cria uma nova circuncisão, para pôr a pessoa debaixo da lei e não debaixo da graça. Isso prende e não liberta.

Contudo, existe um aspecto do uso poimênico da Bíblia que coloca um contrapeso ao perigo de fetichismo. Chamaremos esse o uso anamnésico da Bíblia. Anamnese ou "lembrança" é um termo amplamente empregado pelas próprias Escrituras para denominar o relacionamento ou afastamento entre Deus e seu povo. Traspassa toda Bíblia o ritmo de esquecer-se e lembrar-se. Depois da época da igreja primitiva, o termo "anamnese" passou a ter uma conotação mais sacramental relacionada com a instituição da ceia do Senhor ("Fazei isto em memória de mim" Lucas 22,19). Anamnese ou lembrança, porém, tem um sentido mais profundo do que meramente chamar alguém à atenção para não esquecer. Nisso reside o seu valor poimênico. A dinâmica desse termo está expressa na definição oferecida no "**Praktisches Wörterbuch der Pastoral-Anthropologie**": Anamnese – Atualização através de uma celebração de um evento salvífico histórico, com a finalidade de assim fazer com que tal evento ganhe poder sobre a situação do celebrante.(5)

Visto nestes termos, podemos transferir a situação litúrgica para a situação de relacionamento poimênico entre duas ou mais pessoas. O relato bíblico lido, parafraseado, memorizado ou mencionado lembra aos participantes (neste caso aos celebrantes) os eventos salvíficos de Deus através da história. Este ato atualiza ou "faz presente" as promessas de Deus, que assim se torna acompa-

(5) Praktisches Wörterbuch der Pastoral-Anthropologie, pág. 41.

nhante do consulente nas suas necessidades, nos seus problemas e dificuldades, da condição de vida na qual ele se acha. Concordamos com Thurneysen, "não existe método algum através do qual nós poderíamos provocar a eficiência da palavra de Deus" (6)

No entanto, da perspectiva da anamnese, asseguramos mais o uso pastoral da Bíblia do que o uso punitivo ou legalista. Mesmo assim, não há meio de aliviar o perigo "da corda bamba" em que andamos entre o uso fetichista da Bíblia e o uso anamnésico. Pois, em última análise, somente o poimênico e o seu parceiro de diálogo podem determinar o que aconteceu. Na maioria das vezes nem eles vão saber. Cabe a nós ficarmos conscientes da possibilidade.

ALGUNS DETERMINANTES NO USO DA BÍBLIA

Deixem-me esclarecer um ponto: se estou livre da obrigação, ou, vamos dizer, da obsessão compulsiva de usar a Bíblia na poimênica, jamais posso usar esta liberdade para fugir da responsabilidade que tenho perante o outro, em serviço a ele. Chamamos a isto de trabalho de discernimento.

O fator principal nesta dialética entre liberdade e responsabilidade – de ser ministro da palavra de Deus – é obviamente a experiência. Mas, até chegar lá, podemos dizer que existem alguns determinantes que auxiliam a pessoa a usar a Bíblia no seu lidar com o outro. Menciono três.

1. O primeiro determinante é a própria pessoa do conselheiro ou poimênico.

Pressuponho aqui que você seja pastor, pastora, irmã, estudante de teologia, catequista ou estagiário; – em todo caso, você desempenha uma função no serviço cristão dentro da Igreja.

Então, como poimênico, coloco-me perante algumas perguntas:

Qual é meu objetivo no uso da Bíblia, neste encontro com uma pessoa aflita e angustiada? Eu preciso comprovar que sou cristão? Necessito da Bíblia para estabelecer a minha autoridade? Tenho medo de caminhar no sofrimento com esta pessoa? Se eu decidir não usar a Bíblia, será que é porque tenho medo de dar testemunho? Estou pronto a assumir a função de pastor neste caso? Será que eu teria dificuldade em escolher um texto apropriado?

(6) Citado de Thurneysen, *Seelsorge im Vollzug*, por Manfred Josuttis, *Prática do Evangelho entre Política e Religião*, pág. 102.

Estas perguntas desencadeiam um diálogo comigo mesmo, para verificar a minha autenticidade.

Quanto ao meu relacionamento com o consulente só posso dizer que o ponto de partida é do mesmo nível – de pecador para pecador.

O melhor preparo para o uso da Bíblia na poimênica é o meu próprio uso dela, não para as aulas, nem para os outros, mas para mim mesmo. Como a segunda carta a Timóteo exorta: "Procura apresentar-te a Deus aprovado como obreiro que não tem de se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade." (2 Tm 2,15).

2. O segundo determinante é a pessoa do consulente.

Quando uma pessoa se aproxima do pastor ou da pastora, em geral espera uma resposta diferente do que a que receberia de outro tipo de ajudante (psicólogo ou assistente social, etc.). Para mim, o processo de ouvir o outro antes de determinar uma resposta é um pressuposto – mas o meu ouvir o outro deve ter outra sintonização. Muitas vezes, podemos pegar a nós mesmos em flagrante. Uma pessoa me consulta e diz: "Olha, estou com um psiquiatra, mas eu gostaria de consultar com você." A nossa primeira reação então é: "Então o que ele ainda quer comigo, o que mais espera de mim?"

Nós nos sentimos pequenos psicólogos, ou queremos fugir do nosso ofício peculiar – o de ser pastor ou pastora. Estou vendo mais e mais que tendemos a lograr o nosso consulente, talvez porque somos mais seculares do que ele.

Permitam que lhes dê alguns critérios, com os quais podemos avaliar o interesse ou a necessidade religiosa do nosso consulente. Esses critérios, a rigor, não são critérios psicológicos ou sociológicos, e sim critérios religiosos ou, filosoficamente falando, são fenomenológicos. Se, durante o processo de ouvir, surgirem referências, perguntas ou alusões, na conversação, a respeito dos seguintes sete assuntos, pode-se confirmar que o interesse do parceiro dialogante é religioso! (7) Esses critérios são de forma alguma exaustivos. Porém, têm o intuito de servir como lembrete no sentido de avaliar a conversação pastoral com a pessoa atribulada. Vamos chamar estes critérios "variáveis diagnósticos" (8) para ajudar-nos a sintonizar com a preocupação teológica ou religiosa de outro.

(7) Critérios resumidos de Paul W. Pruyser, *The Minister as Diagnostician*, capítulo 5, pág. 60-79.

(8) *Ibid.*

Para ter clareza a respeito do uso destes critérios, vamos recapitular a situação. Você desempenha uma função pastoral na Igreja. Vem uma pessoa ou pessoas para lhe consultar. Cabe a você determinar neste encontro a necessidade pastoral (religiosa) dela. Não há necessidade de levantar esses assuntos numa maneira interrogativa. Mas, durante o diálogo, se algumas preocupações do parceiro corresponderem com estes assuntos, você terá uma "dica" para avaliar a direção e a necessidade do consulente.

(1) **Sentimento de numinoso** ou transcendente: Procuo divisar o seguinte: O que é sagrado para esta pessoa? – O seu carro, o seu filho, dinheiro, ou Deus mesmo? Ela conhece o sentimento de reverência? Para que ou quem esta pessoa faria todo sacrifício? O que para ela é intocável? (percepção de idolatria).

(2) **A Providência**: O consulente levantaria a pergunta: Qual é o intuito divino para comigo? Porque sou assim assolado? Que é que eu fiz para merecer isso? Que eu soubesse qual é a vontade de Deus? (Providência está nitidamente ligada à capacidade de confiar.) Esta pessoa confia no seu pastor? Ela se acha auto-suficiente? Ela acha que merece benefícios extras de Deus ou a sua presença basta?

(3) **A fé**: O consulente tem uma posição negativa ou positiva para com a vida? Está cheia de dúvidas, ele abraça a vida e a experiência? Como é que se expressa: A minha fé me diz, ou a minha Bíblia diz? Ele tem coragem de ser? Está enjajado na vida?

(4) **Graça e gratidão**: A maior dificuldade que atribula muitas pessoas neste critério, é a distância entre a graça e o merecimento. O consulente acha-se indigno de receber qualquer graça ou perdão. Essas pessoas se julgam os últimos árbitros do seu comportamento. Isto significa que uma porção de orgulho impede a função da graça para esta pessoa. Estas pessoas insistem na sua auto-rejeição. O contrário, porém, também acontece. Pessoas vem a nós pedindo a Bênção (literalmente). Por nossa parte, por frustração ou por falta de sensibilidade teológica, negamos a bênção.

(5) **Arrependimento**: Este critério refere-se ao processo de mudança. Moralmente é um processo de correção, de caminho torto para o caminho reto. Soteriologicamente falando, é de condenação para salvação. O consulente tem uma consciência de pecado? Ele assume responsabilidade? Ou ele alega ser apenas vítima de circunstâncias? Ele se sente vingativo? Qual é o seu sentimento de culpa? A pessoa é super escrupulosa?

(6) **Comunhão**: A pessoa sente-se pertencente a uma comunidade qualquer – família, igreja, o seu grupo, ou sente-se marginali-

zada, isolada, rejeitada? Uma das maiores dificuldades da nossa época é a sua tendência de isolar pessoas. A anamnese, — a lembrança por gesto ou por leitura, comunica o sentimento "Deus conosco" e abre o horizonte para esta comunhão. Percebemos na pessoa uma alienação da humanidade ou a tendência de uma separação?

(7) **Um sentido de vocação:** A pessoa sente um propósito na criação? A vida é enfadonha ou é uma aventura, uma peregrinação? Trabalho tem sentido para esta pessoa? A pessoa alia-se com a benevolência no mundo? Possui um sentimento de humor? O que esta pessoa quer fazer com sua vida?

Os sete tópicos ora apresentados não pretendem ser uma orientação para o uso das Escrituras. Todavia, apresentam perguntas e áreas de interesse onde o pastor ou obreiro cristão possa divisar, no grupo ou no consulente, necessidades mais pastorais do que outros. Por sua vez esta percepção propicia o uso da Bíblia na poimênica indicada.

3. O terceiro determinante para o uso da Bíblia são as circunstâncias em que o conselheiro e o consulente se encontram.

Fatores de circunstância favorecem, mais do que qualquer outro determinante, o uso da Bíblia como fetiche.

Consideremos algumas circunstâncias. A mais digna de nota é a circunstância hospitalar, ou com enfermos. Duas razões se destacam neste caso. Em primeiro lugar, a dificuldade do visitante de acompanhar o sofrimento do outro. Para evitar caminhar junto com a dor do enfermo, o visitante se defende com o uso da Bíblia. Pelo outro lado, o doente percebe o poder ligado ao pastor e almeja o uso deste poder para a sua restauração.

Outra circunstância seria numa família em caso de morte. Se a família não está preparada, o uso da Bíblia poderia ser bastante prejudicial. Dependendo do caso, prefiro a posição de Bonhoeffer, que acompanha os enlutados em silêncio, evidentemente com exceção do ofício do enterro. Correta é a constatação de Josuttis de que a poimênica em si ocorre somente após o rito do enterro. (9)

Não pretendo repetir aqui mais circunstâncias, apenas dizer que não há regras absolutas para o uso ou não da Bíblia, afora o discernimento e a peculiaridade de cada caso.

(9) Manfred Josuttis, *Prática do Evangelho entre Política e Religião*, pág. 211.

ALGUMAS “DICAS” E DIRETRIZES PARA O USO DA BÍBLIA NA POIMÊNICA

Dois ocasiões específicas suscitam um manuseio da Bíblia: como pastores e estudantes vamos receber pessoas com perguntas a respeito da Bíblia; – por outro lado, vamos usar a Bíblia como instrumento de consolo, conforto e apoio, para a conscientização das pessoas.

Vejamos inicialmente como tratar aqueles que vêm a nós com perguntas, os inquiridores. Precisamos agir em dois níveis no trato com essas pessoas: a) – Levar a sério a pergunta levantada pela pessoa, mas, em um segundo nível; b) – verificar a preocupação que está atrás da pergunta. Às vezes, a pergunta esconde profundos sentimentos de culpa.

Por exemplo:

A pergunta comum a respeito do pecado imperdoável (Marcos 3, 29-30; Mateus 12, 31-32) geralmente tem raízes muito mais profundas do que se pensa. Ao invés de darmos uma resposta intelectual – que geralmente não comunica – não diz nada pastoralmente à pessoa que pergunta, podemos proceder da seguinte maneira: Podemos levantar algumas perguntas de nossa parte, antes de darmos uma resposta que fecharia a questão.

Exemplos:

- Você poderia contar algo sobre este texto?
- Qual é o significado do texto para você?

É necessário manter os dois níveis ligados – o nível de informação e interpretação e o nível do relacionamento interpessoal. Os dois níveis ou dimensões são importantes, pois a experiência religiosa abrange não somente o cérebro, mas também a nossa vida afetiva.

O maior perigo existe quando nós aplicamos as Escrituras em casos de poimênica. Quando o pastor ou estudante conhece bem o membro ou consulente, podem ser escolhidos textos para o consulente levar como tarefa de casa, durante o período de aconselhamento. Tarefas de casa desempenham duas funções: 1. São meios para o consulente crescer na fé. 2. Criam apoio para o consulente poder enfrentar seu problema com maior percepção.

A escolha do texto, em qualquer caso, deve ser feita com cuidado, para não criar ainda mais problemas para o consulente. Devemos poder dividir bem os nossos próprios intuídos na escolha dos textos para o uso em poimênica, pois é fácil incluir receitas legalistas, que somente poderiam ser usadas depois de um profundo

relacionamento entre o poimênico e o consulente. Neste caso o texto seria pastoral e não legalista.

Todo aquele que ataca um problema distribuindo graça barata, através das Escrituras, deve-se cuidar, pois pode virar um ataque contra a própria Graça – e nós nos acharemos substituindo a Deus.

A tensão entre fetiche e ministério do Verbum Divinum precisa ser mantida. Sempre podemos confiar no Espírito Santo – mas que isso não impeça de sempre assumirmos as conseqüências da nossa poimênica, perante as exigências da Palavra. Sintonizamos com as palavras do Wayne Oates, autor do livro "A Bíblia e a Poimênica", quando diz: "Antes, é mister que o pastor conheça a Bíblia, a sua história dramática em profundidade e os pormenores, a estrutura literária, o contexto histórico, os princípios de exegese, e a psicologia da Bíblia. Por modo semelhante ele necessita do auxílio derivado de uma experiência disciplinada de clínica pastoral no relacionamento com as numerosas pessoas que procuram a sua ajuda. Ele deve ter conhecimento tanto de "documentos vivos" como de manuscritos antigos." (10)

BIBLIOGRAFIA

Hulme, William E., **Dinâmica da Santificação**, São Leopoldo, Sinodal – Concórdia, 1976.

Josuttis, Manfred, **Prática do Evangelho entre Política e Religião**. São Leopoldo, Sinodal, 1974.

Oates, Wayne E., **The Bible and Pastoral Care**, Grand Rapids, Baker Book House, 1953.

Praktisches Wörterbuch der Pastoral-Anthropologie, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1975.

Pruyser, Paul W. **The Minister as Diagnostician**, Philadelphia, The Westminster Press, 1976.

Rensch, Adelheid, **Das Seelsorgerliche Gespräch**, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1963.

(10) Wayne Oates. **The Bible and Pastoral Care**, pág. 27.